

A Esposa Perfeita

Lynsay Sands

Grã-Bretanha, Idade Média

Uma mulher muito especial...

Quem olhasse para Avelyn não diria que ela estava tão ansiosa, apavorada mesmo. Esperava impressionar seu noivo no dia do casamento, mas qual seria a reação de Paen quando descobrisse que ela não era a mulher esguia e bem-feita de corpo com a qual ele certamente desejava se casar?

Paen Gerville sonhava com uma mulher voluptuosa e ardente, em cujos braços ele encontrasse refúgio e prazer depois de uma vida solitária dedicada às batalhas. No princípio, sua noiva não parecia prometer tais delícias, com as roupas discretas que lhe escondiam o corpo, e com a aparente fragilidade e timidez. Entretanto, ao vê-la de camisola na noite de núpcias, a imagem que Paen tinha de Avelyn mudou da água para o vinho... e ele sorriu, sedutor, antecipando as surpresas que o aguardavam nos braços daquela mulher, que era nada menos do que a esposa perfeita...

Prólogo

— Ai...

Aquele suspiro sentido fez com que Avelyn se voltasse e se deparasse com lady Straughton - sua mãe -, que descia as escadas e, ao vê-la sobre a mesa de cavaletes provando o vestido, havia parado toda lacrimosa.

Lady Margeria Straughton andava bastante chorosa nos últimos tempos. Mais precisamente, desde que haviam recebido a notícia de que Paen Gerville retornara finalmente das Cruzadas e desejava assumir o noivado. A mãe de Avelyn não aceitava bem o casamento. Na verdade, ela não aceitava bem, o fato de que Avelyn mudaria para Gerville logo após as núpcias. Avelyn sabia que a mãe estava feliz que se casasse e lhe desse netos. Era da distância que a mudança importava que ela não gostava. Ela encarava a situação como se fosse perder a filhinha. Isso porque as duas sempre haviam sido muito chegadas. Tão chegadas que, em vez de ter sido mandada para estudar fora, fora a própria mãe de Avelyn quem a instruíra, com toda a dedicação e paciência.

— Ai... — Margeria suspirou novamente ao atravessar o grande salão, seguida por sua criada pessoal.

Avelyn trocou um sorriso com Runilda, que agora apontava a barra do vestido, e meneou a cabeça quando a mãe se aproximou, perguntando em tom de doce censura:

— Estou tão medonha assim que só de olhar para mim a senhora chora, mãe?

— Não, não! — retorquiu lady Straughton, alarmada. — Você está linda, querida. Muito linda. O azul do vestido realça divinamente o azul de seus olhos.

— Então por que toda essa tristeza?

— Ah, é que você está parecendo tanto... tanto... uma dama. Nossa, Gunnora, minha filhinha é uma mulher adulta agora - ela choramingou para a criada a seu lado.

— É verdade, milady. — Gunnora sorriu paciente. Já ouvira os suspiros inúmeras vezes desde a notícia da chegada de lorde Gerville. — Está mesmo na hora de ela se casar e ter sua própria casa.

Em vez de essas palavras acalmarem lady Straughton, uma cascata de lágrimas lavou seu rosto.

Lorde Willham Straughton — que estava há algum tempo sentado em silêncio próximo à lareira - deixou de lado uma profusão de cartas e levantou-se, provocando um ruído na poltrona de couro.

— Pare de chorar, meu amor — ele respondeu a esposa, aproximando-se da mesa. — Esse momento é de alegria. Pense que tivemos nossa Avelyn conosco por mais tempo que esperávamos. Se não fosse pela participação de Richard nas Cruzadas, provavelmente teríamos perdido nossa filha com catorze anos ou um pouco mais.

— Eu sei. — Com a aparência desolada, lady Straughton chegou mais perto do marido que passou o braço pelo ombro dela. — Sou mesmo muito agradecida que pudéssemos tê-la até os vinte. Mas é que vou sentir muito a falta dela.

— Eu também vou — lorde Straughton concordou comovido, dirigindo um olhar cheio de aprovação para a filha. — Você está mesmo linda, filha;

igualzinha a sua mãe no dia de nosso casamento. Temos muito orgulho de você. Paen é um homem de sorte.

Avelyn surpreendeu-se ao ver, por um momento, os olhos do pai marejados de lágrimas, como se ele também fosse chorar. Ele deu um pequeno tossido e esboçou um sorriso para a esposa.

— Precisamos procurar nos distrair o máximo possível para não pensarmos que a perdemos...

— Não há nada no mundo que me tire da cabeça o pensamento de que nosso ninho ficará vazio — disse lady Straughton inconformada.

— Não? — Um brilho malicioso passou pelo olhar de Willham Straughton, e Avelyn achou graça de ver a mão dele deslizar pelas costas de sua mãe e lhe dar um tapinha no traseiro. — Eu consigo pensar em uma ou duas coisas — comentou ele de forma sugestiva, propondo: — Que tal irmos para nosso quarto discutir algumas idéias?

— Ora... — A voz de lady Straughton soou meio hesitante para quem desejava protestar. — Gunnora e eu íamos conferir a despensa e ver...

— Vocês podem fazer isso mais tarde. Gunnora, vá descansar um pouco enquanto isso — sugeriu lorde Straughton, dispensando a criada que escapou pelo salão no mesmo instante.

— Mas, e Avelyn? Eu gostaria de...

— Avelyn ainda estará aqui quando voltarmos — ele afirmou, apressando-a em direção à escadaria. — Ela ainda não está se mudando.

— Se é que vai mudar!

Avelyn sobressaltou-se ao ouvir o comentário às suas costas, proferido com uma gargalhada, só conseguindo manter o equilíbrio sobre a mesa, graças à rápida intervenção da criada que a segurou pelo braço.

Avelyn agradeceu à moça e voltou-se para encarar Eunice. A expressão do rosto fino da prima não podia ser mais debochada.

— O que você acha, Stace?

O olhar de Avelyn desviou-se para os dois rapazes que acompanhavam a

prima. Eram os irmãos gêmeos de Eunice, Hugo e Stace, ambos ostentando um sorriso cruel. Distraída, ela não havia notado a entrada dos três.

Ótimo, pensou contrariada. O destino lhe dera pai e mãe muito amorosos, mas em compensação a brindara com os três piores primos que poderiam existir. O trio parecia viver para atormentá-la. Desde que haviam chegado a Straughton dez anos antes, o que lhes dava maior prazer era apontar um defeito seu. O castelo em que eles viviam, na fronteira da Escócia, havia sido destruído e o pai deles morto. Como não tivessem outros parentes a quem recorrer, a mãe os trouxera para Straughton onde passaram a infernizar a vida de Avelyn.

— Acho — disse Stace, sentando-se no banco e projetando seu grosso nariz para cima ao levantar a cabeça para olhar para Avelyn — que assim que Gerville descobrir como sua noiva é gorda, ele vai romper o contrato e fugir voando dela.

— Receio que Stace esteja certo, Avelyn — Eunice concordou, com falsa simpatia, fazendo com que Avelyn se sentisse passada. — Você está parecendo uma enorme ameixa nesse vestido. Não se preocupe com a cor porque acho que não é esse o problema, se bem que com o vermelho, você fica parecendo uma enorme cereja e com o marrom...

— Já entendi, Eunice — Avelyn retorquiu calmamente, vendo Eunice e Hugo sentar-se no banco ao lado do irmão.

Ela tentou ignorar a presença dos primos, mas toda a segurança e todo o carinho transmitidos pelos elogios dos pais esvaneceram-se. Já não se sentia mais nem um pouco linda. Sentia-se desajeitada e gorda. O que era mesmo. Somente na presença dos pais, com seu amor incondicional, ela conseguia se esquecer disso por alguns momentos. Mas lá estavam os primos para lembrá-la sempre.

— Pois eu sempre achei as ameixas lindas e saborosas.

Avelyn virou-se para a porta ao ouvir tal declaração. Não saberia dizer há quanto tempo seu irmão, Warin, estaria ali, mas da maneira como olhava para os primos, era certo que já fazia algum tempo. Eunice, Hugo e Stace imediatamente se levantaram e escaparam pela porta da cozinha.

Warin manteve o olhar sobre eles até que tivessem saído. Depois, dirigiu-se à irmã:

— Não se deixe abater por eles, Avelyn. Você está linda. Parece uma princesa.

Avelyn forçou um sorriso e agradeceu quando o irmão se aproximou e pegou sua mão, dando-lhe um apertãozinho.

Pela expressão de Warin, estava claro que ele sabia que não havia convencido a irmã. Ele pensou em insistir, mas desistiu. Soltou um suspiro resignado e perguntou:

— Você sabe onde está nosso pai?

— Subiu com a mamãe. — Depois de uma pequena pausa, tendo novamente um brilho divertido no olhar, ela acrescentou: — Foram discutir maneiras de distraí-la para evitar que fique pensando na minha partida.

Warin franziu a sobrancelha, depois sorriu e se encaminhou até a porta.

— Bem, quando eles descerem, por favor diga a papai que preciso dar uma palavrinha com ele. Estou lá embaixo no campo de treino.

— Está bem. — Avelyn observou o irmão sair, depois abaixou os olhos para ver a razão de a criada estar puxando o tecido do vestido de um lado e depois do outro. — Por que está fazendo isso Runilda?

— Acho que preciso pregar um pouquinho nos ombros, milady. Está um pouco folgado aqui.

Avelyn inclinou a cabeça, tentando ver, mas era difícil enxergar o próprio ombro. Podia, entretanto, ver bem os fartos seios, o abdome ligeiramente arredondado e os quadris que pareciam mais largos naquele vestido azul. Uma ameixa, dissera Eunice, e de repente o tecido que havia escolhido, com tanto cuidado e prazer, perdera toda a beleza. Ela tocou no tecido. Era tão fino e delicado... Mas nem o mais delicado dos tecidos conseguiria transformar a idiota de uma galinha gorda em um cisne.

— Então vamos apertar um pouquinho nos ombros, milady?

— Vamos, sim. — Avelyn soltou o tecido da mão e, endireitando os ombros, acrescentou: — E na cintura também. E pode cortar o excesso de tecido.

A criada arregalou os olhos:

— Apertar a cintura? Mas o talhe está impecável...

— Está agora — Avelyn concordou. — Mas não estará no dia do casamento, pois juro aqui e agora, que vou emagrecer pelo menos uns seis quilos até lá.

— Desculpe, milady — Runilda começou a dizer, preocupada. — Mas não acho uma boa idéia...

— Eu acho — respondeu Avelyn, com firmeza, e sorrindo determinada, desceu da mesa para o banco e do banco para o chão. — Vou perder mais de seis quilos até o casamento. Uma vez na vida, me sentirei bonita, magra e... graciosa. Paen de Gerville vai se orgulhar de ser meu noivo.

Capítulo

I

— Droga, muito estranho...

— Hum? — Lady Christina de Gerville levantou os olhos do prato, visivelmente surpresa ao ouvir essas palavras serem cochichadas. Seu olhar tornou-se suave ao se deter no rapaz sentado entre ela e o marido. Paen de Gerville, seu filho. Seus longos cabelos escuros estavam presos à nuca, em um rabo de cavalo. Ele estava bem barbeado e usava uma túnica nova, em um tom verde-escuro, especialmente confeccionada por ela para aquela ocasião. Paen se parecia muito com o próprio pai no dia do casamento, bonito, forte e igualmente um pouquinho irritado.

— O que é estranho, filho?

— Isto. — Paen fez um gesto largo, mostrando as diversas mesas de cavalete montadas, repletas de gente. Lorde e lady Straughton e todos os convidados estavam em volta deles, com uma exceção. A pessoa mais importante. — Onde está minha noiva? Não é estranho que ela não esteja aqui? E tampouco estava quando chegamos ontem à noite. Alguma coisa está errada...

Lady Gerville trocou um olhar divertido com o marido, Wimarc, que, numa pausa de sua conversação com lorde Straughton, também ouvira o comentário de Paen.

— Não há nada de errado, filho — lorde Wimarc de Gerville assegurou. — Sem dúvida, a noiva está demorando por causa dessas coisas de... embelezamento. É típico das mulheres. Por isso são sempre as últimas a chegar. Não precisa se preocupar.

A frase foi concluída com um tapa que pretendia ser de apoio, mas se Paen não conhecesse esse tipo de gesto afetuosos do pai e não tivesse se agarrado à mesa, teria caído do banco.

Resmungando ao se ajeitar no banco, Paen pegou um pedaço de queijo e deu uma mordida, sem contudo tirar os olhos da escadaria na expectativa de que sua noiva desceria a qualquer momento. Ele sabia que o pai estava certo e que estava nervoso de uma maneira fora do comum. Agora entendia o porquê. Até então, não tivera qualquer dúvida. Estava seguro de que tudo daria certo. Estava simplesmente indo buscar a jovem prometida para torná-la sua mulher.

Embora fosse um acontecimento novo para ele, não era muito diferente do que ir buscar um novo escudeiro, aliás uma outra coisa que também teria de fazer nessa viagem. Seu plano era se casar, passar alguns dias em Straughton e, depois, na volta para Gerville, parar para pegar o escudeiro. Simples. Não havia grandes elaborações a fazer.

Pelo menos era o que havia pensado no caminho para Straughton no dia anterior. Naquela manhã, porém, a cabeça de Paen mudara. Subitamente lhe ocorreu que uma esposa talvez fosse diferente de um escudeiro. Afinal, não iria para a cama com ele.

Além disso, não tinha ainda colocado os olhos na futura esposa. Chegava até a pensar que ela o estivesse evitando. Custava a crer que isso fosse um bom sinal.

— Segure um pouco mais a respiração, milady.

— Não consigo, Runilda. Isso é o máximo que posso — Avelyn proferiu as palavras com o pouco de ar que lhe restava nos pulmões. — Ainda falta muito?

A hesitação da criada foi a resposta. Avelyn soltou o ar com um suspiro de derrota.

— Não adianta, Runilda. Não vou conseguir vestir essa roupa, e nós duas sabemos muito bem disso. Mesmo que você conseguisse fechar, as costuras arrebantariam no momento que você terminasse de abotoar os ganchinhos.

— Que pena, milady. Eu não deveria ter lhe dado ouvidos. — Runilda deu um passo para ficar em frente a Avelyn. Estava com a culpa estampada no rosto.

— A culpa não é sua. Você fez o que eu lhe pedi.

Avelyn afundou na extremidade da cama, procurando pensar em alternativas. Não havia muitas. Ela não havia perdido peso algum nas últimas duas semanas. Aliás, achava que havia engordado um pouquinho. O belo vestido azul em que ela e Runilda haviam posto tanto empenho estava pequeno demais para ela.

O lado positivo, imaginava, é que não teria mais de temer ficar parecendo uma ameixa gigante. O lado negativo é que teria de escolher entre parecer uma enorme cereja ou um monte de...

Se ao menos tivesse provado o vestido antes, talvez houvesse uma chance de fazer alguma coisa. Mas não provara. Havia sido tantos os preparativos e tantos convidados a receber, que não pensara mais no vestido e nem que havia pedido a Runilda para apertá-lo e cortar a sobre de tecido na costura. De fato, fora uma estúpida.

Procurando não deixar que a auto-piedade tomasse conta de si, Avelyn se levantou e começou a tirar o vestido.

— Bem, terei de usar o vestido vermelho então. É o que menos foi usado. — Decidiu, tentando não pensar em como seu rosto ficava avermelhado nele, a razão de ter sido usado tão pouco.

— Pois não, milady. — Felizmente, Runilda era bastante gentil para não mencionar esse ponto, mas, pela voz trêmula, era evidente que estava de coração partido.

— Vamos, Runilda, nada de chorar, se não acabo chorando também.

Avelyn desviou os olhos da criada, convicta de que precisava agüentar o

desastre com toda a dignidade e autoconfiança. Não iria chorar. Mesmo que lorde Paen de Gerville a rejeitasse ao vê-la, manteria a calma e a cabeça erguida.

Ela vasculhava a arca em que suas roupas já estavam guardadas e tirou o vestido vermelho, comprimindo os lábios ao tocar o tecido macio. Quando o mercador o tirara da carroça, ela imaginara um vestido de linhas simples que esvoaçaria em torno de seu corpo. Na verdade, sentira-se muito bonita ao vesti-lo depois de pronto... só até descer para o jantar.

Hugo, Stace e Eunice rapidamente se incumbiram de mudar sua imagem, com comentários cáusticos e palavras cruéis, tirando-lhe qualquer prazer de usar o vestido novo. Fora Eunice que lhe dissera que a cor não lhe assentava bem, e Hugo rira, completando que nem notara isso, porque ela parecia mesmo uma enorme cereja naquele vestido. Nunca mais o usara, por isso parecia novo e era com ele que seu noivo a veria pela primeira vez.

Só lhe restava esperar que Paen de Gerville gostasse de cerejas, pensou, zombando de si mesma, ao levantar o vestido e sacudi-lo para desamassá-lo um pouco; melhor era esquecer o motivo de ter detestado aquele vestido.

Assim que Runilda terminou de abotoá-lo, a porta do quarto se abriu.

— Avelyn! — exclamou a mãe. — Por que essa demora? Você ainda nem vestiu seu vestido! Paen está impaciente para conhecê-la antes do casamento.

— Como é ele? — Avelyn perguntou à mãe que caminhou apressada até ela.

Os Gerville deveriam ter chegado a Straughton no dia anterior, o que daria a Avelyn e Paen algum tempo para se conhecerem. O dia, entretanto, chegara ao fim sem que seu pretendente e acompanhantes desse sinal de vida. Muitos convidados já haviam chegado e sido acomodados antes que um mensageiro trouxesse a notícia de que houvera um acidente com uma das carruagens dos Gerville. Avelyn já estava na cama quando eles finalmente chegaram a Straughton.

A bem verdade, ela sentira um certo alívio de que o momento de ser apresentada ao noivo fosse adiado. Os primos tanto haviam repetido, nas duas últimas semanas, que ele certamente a rejeitaria no momento em que pusesse os olhos nela, que ela estava muito insegura e ansiosa.

— Parece um rapaz muito gentil — a mãe afirmou. — Aliás, me lembrou bastante de seu pai quando jovem. Agora, venha cá. Precisamos dar um jeito de vesti-la rapidamente.

Avelyn deu um sorriso forçado para a mãe.

— Decidi usar este aqui.

— O quê? — Lady Straughton parou, percorrendo todo o corpo da filha com um olhar desanimado. — Não, de jeito nenhum. O vestido azul ficou tão lindo em você... e esse está todo amassado.

— O azul não me cabe — Avelyn explicou ao ver a mãe pegar o vestido, confessando: — Fiz Runilda apertá-lo e cortar o tecido que estava sobrando por dentro. Esperava emagrecer antes do casamento, mas...

— Oh, Avelyn! — Lady Straughton abaixou as mãos, deixando o vestido arrastar no chão. - Não posso acreditar numa coisas dessas.

Muito envergonhada, Avelyn começou a se virar, mas a mãe a pegou pelo braço, abraçando-a carinhosamente.

— Ah querida, como eu gostaria que você se aceitasse como é. Você é linda, por que sofre tanto?

— Porque sou uma vaca gorda, mãe, e não queria ser.

Para espanto de Avelyn, a mãe disse um impropério ao soltá-la e tinha a expressão carregada de raiva.

— Vou tirar Hugo, Stace e Eunice de circulação. Francamente, aqueles três! Sei que estão por trás disso. — Ela calou-se de repente e procurou se acalmar. — Esqueça, querida. Você não se parece com uma vaca de jeito algum. Você só é um pouco mais cheinha. Do jeito que os homens gostam.

Avelyn fungou, mas a mãe a ignorou.

— Você não pode usar o vestido vermelho. Está amassado demais. — Lady Straughton voltou a olhar para o vestido azul que ainda segurava. — Tenho uma idéia, mas precisamos nos apressar. Todos estão prontos para ir para a igreja. Só estão esperando por você. Tire o vestido vermelho — recomendou e, voltando-se para Runilda, pediu: — Vá procurar Gunnora e diga a ela que traga depressa aquela peça de tecido branco que compramos do mercador.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

